

UMA INTRODUÇÃO À ARTE MODERNA SUECA

Por Rolf Söderberg

O início do Século

O fim do século 19 foi um período de gênios incompreendidos e a Suécia, por sua vez, deixou de reconhecer o valor dos seus talentos nacionais. Consequentemente, os quatro artistas desse período que hoje em dia são mais apreciados, passaram a maior parte da sua vida no exílio e sem receber o estímulo adequado.

Carl Fredrik Hill (1849-1911) e Ernst Josephson (1851-1906) morreram loucos e seus últimos trabalhos são marcados por um caráter estranho e peculiar que agradam o gosto sofisticado de hoje. Os quadros de Ivan Aguéli (1869-1917) e Karl Isakson (1878-1922), por outro lado, refletem a inspiração de Cézanne e Gauguin. Em 1893, Aguéli citou, com aprovação do crítico simbolista Albert Airier: "Uma vez mais temos que cultivar as qualidades mais elevadas do espírito, precisamos tornar-nos místicos de novo". Em 1911, porém, em *La Gnose*, Aguéli manifestou sentimentos completamente opostos quando escreveu: "Tudo que a arte deseja expressar por outros meios que não proporções eloquentes deriva do mal. O homem que despreza a natureza morta não é pintor. Ele pode ser escritor ou poeta, qualquer coisa, em suma, menos pintor . . ."

Ivan Aguéli é uma das personalidades mais notáveis na história da pintura sueca. Em 1890 era aluno de Émile Bernard e tornou-se um dos expoentes mais sutis da tradição Pont-Aven, embora, até hoje, ele ainda não tenha ganho o reconhecimento internacional. Suas pequenas paisagens de belas nuances, quer sejam de Gotland, Estocolmo ou Egito, revelam algo do espírito íntimo que era parti-

cularmente característico da pintura sueca no princípio do século vinte.

Karl Isakson, como Aguéli, foi relativamente desconhecido na sua pátria durante toda sua vida. Hoje, os críticos internacionais consideram Isakson principalmente como um discípulo de Cézanne - como um representante da "arte pura". Mas ele pode ser também considerado um pintor de matizes do gênero de Manet, particularmente no começo do seu período "cinza". Os trabalhos de Isakson contrastam vivamente com os dos seus contemporâneos de 1909. Assim, enquanto ele procurava uma finalidade clássica e eterna, seus contemporâneos de 1909 procuravam descrever o espírito da época através de um estilo dinâmico que parecia quase explodir o próprio limite da tela.

Mais recentemente, o dramaturgo August Strindberg (1849-1912) também surgiu como artista. Especialmente durante a década de 1890, ele pintava como um complemento à sua profissão literária e nesses quadros seu temperamento voluntarioso compensa um certo diletantismo técnico. Trabalhos típicos como "Paisagem marítima com rochas" (1894) ou "A Onda" (1901-1902) possuem uma certa concentração simbólica, enquanto a construção enérgica e a iluminação agitada aumentam a intensidade geral. Muitas vezes, os quadros de Strindberg contêm um forte espírito de abstração que, de acordo com sua teoria do fenômeno da criação, fazem a sua ligação com o Expressionismo Abstrato de hoje.

Os pintores mais proeminentes na Suécia, no fim do século dezenove, isto é, os membros da Associação dos Artistas (Konstnärsförbundet), pintavam paisagens de crepúsculo em tonalidades azuis, pesadas, melancólicas e eminentemente suecas. Todavia, desde cerca de 1910, a geração mais nova ficou deslumbrada pelas cores claras de Matisse e Cézanne e procuraram seguir as tendências internacionais.

Escultura no princípio do século vinte

Três escultores dominam este campo da arte sueca durante as primeiras décadas do século vinte: Carl Eldh (1873-1954), Carl

Milles (1875-1955) e Axel Petersson (1868-1925).

Eldh foi um idealista com uma consciência social. Era amigo de Strindberg e de Hjalmar Branting, o pioneiro do partido social-democrata na Suécia. Com duas grandes estátuas em Estocolmo, Eldh homenageou esses dois ídolos de sua juventude: Branting em Norra Bantorget e Strindberg no Tegnérunden. Mas, ao mesmo tempo, foi educado nas tradições francesas e provavelmente seus melhores trabalhos são seus nús sensuais e impulsivos que têm algo do espírito de Maillol.

Carl Milles tornou-se o escultor oficialmente mais famoso na Suécia, com grandes obras em praticamente todas as maiores cidades no país. Ele foi um eclético magistral e obteve o mesmo sucesso nos Estados Unidos. O melhor lado do seu trabalho pode ser observado no meio das praças públicas como, por exemplo, em Halmstad ou Linköping, onde a beleza da silhueta harmoniza esplendidamente com a arquitetura, as árvores e a água em torno. O terreno em volta da casa de Milles - "Millesgården" - em Lidingö, Estocolmo, está elegantemente preparado à moda italiana, onde numa série de terraços estão colocadas reproduções da maioria dos seus melhores trabalhos na Suécia e nos Estados Unidos.

Axel Petersson, conhecido como "Döderhultarn" - o nome da aldeia onde nasceu, perto da cidade de Oskarshamn, foi um gênio de grande originalidade. Ele representa um elo importante na tradição entre as esculturas medievais sacras e o primitivismo moderno de Bror Hjorth. Através de estatuetas audaciosamente esculpidas em madeira e discretamente pintadas, ele transformou os habitantes do distrito onde morava em personagens expressivos de Neanderthal. Conseguiu manter, ao mesmo tempo, um senso de proporções adequadas e uma percepção para o limite entre a caricatura grosseira e a arte disciplinada.

Os discípulos de Matisse ou os pintores de 1909

Durante o período de 1907 a 1911, Henri Matisse ensinou cerca de 120 alunos em Paris, dos quais, somente dois eram franceses,

sendo o resto escandinavos e alemães. Matisse e Cézanne foram os dois artistas que mais influenciaram os pintores de 1909; os modernistas radicais suecos. O mais volúvel dêsse grupo, Isaac Grünewald (1889-1946) expressou o otimismo do culto contemporâneo em 1918 quando disse: "O nosso tempo, ao qual pode ser afixado o lema "Velocidade", mostrou a necessidade de concentração em todos os campos de expressão artística . . . Uma paisagem vista através da janela de um carro não é mais a mesma paisagem que era . . . Olhe a vida fervilhante da cidade grande, os restaurantes de noite, o maxixe, o tango, os metrôs, os carros e os anúncios luminosos. Tudo isso é um canto com melodia nova." Grünewald usou as palavras de Delacroix como máxima de sua pintura: "A primeira exigência de um quadro é que ofereça uma festa para os olhos." No seu trabalho, que era mais vital do que sutil, Grünewald procurou expressar a alegria e a velocidade da vida e, com êsse espírito, transformou Estocolmo numa pitoresca Constantinópolis. Grünewald era casada com Sigrid Hjertén (1885-1948), um homem robusto de tipo renascença e uma mulher sensitiva e muito nervosa. Os trabalhos de ambos têm o mesmo brilhante colorido meridional, mas, enquanto o trabalho d'ele é friamente sensual, o dela é quente e nervosamente inquieto.

Além de Grünewald e Hjertén, Nils von Dardel (1888-1943) é hoje também grandemente apreciado por seus contemporâneos. Dardel foi um cosmopolita, um homem versátil e um dândi no estilo verdadeiro e sofisticado da década de 1920. Seus primeiros trabalhos, influenciados pela arte oriental e o cubismo, são os mais sutis. No fim da primeira guerra mundial, radicou-se em Paris onde desenhou o cenário para o legendário ballet de Rolf de Maré, "Les ballets suêdois" e, no devido tempo, tornou-se um membro do grupo exclusivo Cocteau e Pascin. Subsequentemente, Dardel foi transformado em um narrador cínico de acontecimentos grotescos e sangrentos: o guerreiro brutal, com um pontapé, joga o dândi carregando uma cruz no abismo; a bela moça, sorrindo distraidamente, decapita um cário.

Há uma certa elegância nas pálidas côres pastéis do mundo de bone-

cas de Einar Jolin (nasc. 1890), enquanto Leander Engström (1886-1927) demonstra uma vitalidade menos inibida na sua transformação das montanhas da Lapônia ao modo de Matisse.

Dois pintores, Gösta Sandels (1887-1919) e Birger Simonsson (1883-1938) mudaram-se para Gotemburgo em 1912, onde fundaram uma escola local, fortemente relacionada à escola de Oslo. Em breve, outros pintores ingressaram no grupo de Gotemburgo, inclusive Carl Ryd (1883-1958) e Tor Bjurström (nasc. 1888). Existia, portanto, um certo antagonismo entre os grupos de Estocolmo e de Gotemburgo - o primeiro sendo mais rigidamente radical e matisseano no seu otimismo de cidade grande, e o outro, mais tradicional na sua pintura de paisagens líricas e melancólicas.

Cubismo

Na Suécia, o Cubismo ocupou um papel muito menor do que a escola de Matisse. Todavia, já antes da guerra de 1914, Siri Derkert, Nils Dardel e o discípulo de Le Fauconnier, John Sten (1879-1922), estavam produzindo em Paris quadros moderadamente cubísticos e deliciosamente coloridos.

Georg Pauli (1885-1935), o entusiástico seguidor de André Lhote, começou a publicação exclusiva de "A Chama", que no seu esquema foi inspirado no "L'Élan" de Ozenfant. Durante a primeira guerra mundial, Copenhague tornou-se uma espécie de elo com o Continente para os artistas suecos e foi também uma fonte importante de inspiração através da coleção particular de Tetzen-Lund, que incluía trabalhos de artistas como Picasso e de la Fresnaye. Entre outros quadros, o maior trabalho cubista de Otte Sköld, "Guarda Real", foi pintado em Copenhague em 1917.

O mais interessante artista da vanguarda sueca durante a década de 1910, Gösta Adrian-Nilsson, assinatura GAN (nasc. 1884), preferiu ir a Berlim em vez de à Paris para seus estudos. Em 1917, êle contribuiu para "A Chama" com um diálogo imaginário entre o crítico impotente e o artista potente. As palavras finais do

artista são: "Eletricidade — Energia — ! Tempos maravilhosos, fortes, difíceis! A VITÓRIA DA FÔRÇA E A VONTADE HUMANA. Um avião passa com ruído ensurdecedor através do ar. O artista segue seu vôo com seus olhos. Seu olhar é brilhante, firme e livre." Em têrmos dramáticos e coloridos que lembram algo de Boccioni, Russolo e os artistas da "Der Sturm", Adrian Nilsson procurou glorificar o ritmo acelerado da tecnologia moderna e a vida contemporânea.

Intimismo e naivismo

O espírito otimista e extrovertido dos artistas de 1909 sofreu um revés com a eclosão da primeira guerra mundial e, conseqüentemente, por causa do isolamento, nasceu uma nova forma de pintura discreta e melancólica. Três homens, Torsten Palm (1885-1934) Victor Axelson (1883-1954) e Alf Munthe (nasc. 1892) pintaram pequenas paisagens de verão num estilo inspirado na França e com tonalidades primorosas. Êstes três instalaram-se juntos em Estocolmo numa casa do princípio do século dezenove a beira d' água no Smedsudden. Posteriormente, a casa foi ocupada pelos naivistas Hilding Linnqvist (nasc. 1891), Eric Hallström (1893-1946), Axel Nilsson (nasc. 1889) e Gideon Börje (nasc. 1891). Os naivistas suecos não foram primitivistas no estilo "peintres du dimanche" da França, por exemplo, mas eram intencionalmente sutis, escolhendo mais as atitudes e artifícios estilísticos dos verdadeiros Naivistas para interpretar seus motivos. O mais complicado, visionário e literário dos Naivistas, foi Hilding Linnqvist. Para êle, os arrabaldes de Estocolmo eram povoados com figuras dos trabalhos do grande romancista sueco, Carl Jonas Love Almqvist, do mundo da música regional e das Mil e Uma Noites. Ao proletariado, foi dada uma dimensão poética e os devaneios e os livros forneceram a necessária inspiração numa cidade isolada por uma guerra mundial. Quando a guerra terminou, Linnqvist viajou para Siena e Chinon e sua pintura tornou-se mais realista, clara e narrativa. Eric Hallström é mais prosaico. Quando Linnqvist pintou o parque de Haga, povoou-o com cortesãos do século XVIII, enquanto

que na interpretação de Hallström, o povo sentado comia sanduíches à beira d' água. Mas Hallström podia também, às vêzes, ser romântico. No seu estúdio em Estocolmo, êle pintava paisagens com rios do norte da Suécia com a dramática iluminação dos temporais. O mais espontâneo e nacionalista dos naivistas foi Axel Nilsson. Nilsson pintou a sala de estar da casa no Smedsudden, com uma vista sobre as águas do lago Mälaren, com uma intensidade que viverá sempre no coração de muitos suecos as tardes brilhantes de verão. Quando Nilsson chegou em Florença, em 1922, afastou-se da extravagância da arte e recolheu-se ao seu quarto de hotel onde pintava naturezas mortas inspiradas no copo da sua escôva de dentes, seu pincel de barba e garrafa d' água. Terminada a guerra e voltando a uma existência mais cosmopolita e viagens ao estrangeiro, o Naivismo sueco perdeu seu estímulo natural e o estilo esgotou-se.

Neo-realismo

Durante o período de Biedermeier no século dezenove, os artistas em Copenhague e Hamburgo desenvolveram um estilo, refinado e objetivo, de pintura que deu uma certa respeitabilidade e intimidade ao classicismo de Ingres. Essa "idade de ouro" da arte dinamarquesa foi uma importante fonte de inspiração para o novo realismo na Suécia durante a década de 1920. Ao mesmo tempo, porém, uma inspiração ainda maior foi provida por Paris, de modo que os motivos tradicionais foram temperados com uma infusão de Cubismo e Fauvismo. Os principais representantes suecos dêste estilo, conhecido na Suécia como "novo objetivismo", Otte Sköld (1894-1958) e Arvid Fougstedt (1888-1949), não foram amargurados como seus equivalentes alemães, Otto Dix e George Grosz. Não houve em Estocolmo o caos de após-guerra que existia em Berlim e, de fato u Fougstedt reintroduziu o idílio burguês. Com delicadas pinceladas, êle pintou portos seguros onde o povo buscava asilo, depois da insanidade destrutiva da guerra. Após seus anos de cubismo em Copenhague, Otte Sköld adotou, durante seus anos em Paris, de 1920 a 1927, um registro de cores bem mais frio. Do seu estúdio, êle pintou cenas em cinza-chumbo com os telhados de Paris e naturezas mortas no estilo de Snyders. Os mais fascinantes de todos

são, todavia, suas cenas de bar, sátiras pálidas, suaves: descrições rítmicamente executadas da época.

De modo geral, as tradições francesas deram um ímpeto tremendo à arte sueca na década de 1920, de modo que um sem número de naturezas mortas e paisagens de verão com "belle matière" foram produzidas.

Fritiof Schüldt (nasc. 1891) é o principal colorista do grupo influenciado pela França, enquanto durante a década de 1930, Hugo Zühr (nasc. 1895) pintou paisagens de Catalunha, Provença e Grécia, combinando com êxito a descrição clássica com um certo lirismo melancólico.

Purismo na década de 1920

Durante 1919-1920, Viking Eggeling (1880-1925) produziu duas sequências de desenhos: "Missa vertical-horizontal" e "Sinfonia Diagonal". Aqui, êle desenvolveu dois temas abstratos na forma de movimentos musicais, com harmonia ascendente e decrescente. Em 1921, "Sinfonia Diagonal" foi apresentada em forma de filme pela UFA em Berlim e, assim, Eggeling passou a ser considerado como um pioneiro no campo de filmes abstratos. Morreu em 1925, mas suas idéias foram desenvolvidas por Hans Richter e outros. Nos trabalhos de referência internacional, o nome de Eggeling é normalmente o único sueco da vanguarda que é mencionado.

O sueco que mais claramente refletiu as muitas tendências radicais da década de 1920, foi Otto G. Carlsund (1897-1948), um amigo e discípulo do cubista Léger, o purista Ozenfant e o neoplasticista Mondrian. Carlsund foi também influenciado pelo otimismo e a esperança cultural manifestados pelos construtivistas de 1920, cujo sonho era poder coordenar arquitetura e pintura.

Por volta de 1930, Carlsund arranhou uma exposição que depois tornou-se legendária com trabalhos dos seus colegas em Paris - Arp, van Doesburg, Léger, Moholy-Nagy, Mondrian, Ozenfant, Pevsner, van Tongerloo, Taeuber-Arp etc. Essa exposição foi organizada em conjunto com a Exposição de Estocolmo, a qual representava o aparecimento do funcionalismo na arquitetura. A exposição de

Carlsund foi um fracasso completo o que, por sua vez, causou-lhe um desapontamento esmagador.

Os seis membros do grupo de Halmstad: Erik Olson, Waldemar Lorentzon, Axel Olson, Sven Jonson, Esaias Thorén e Stellan Mörner, também começaram sua pintura sob a influência do purismo e do cubismo de Léger.

Esculturas 1920 - 1945

Em frente ao museu da cidade de Hälsingborg está "David" (1921), um jovem finamente esculpido em bronze, seguindo a tradição de Donatello, por Ivar Johnson (nasc. 1885). Os relevos das Ilíadas na biblioteca de Estocolmo, são outra amostra do classicismo frio de Johnson, cujos trabalhos posteriores têm-se tornado mais monumentais e intensos. Entretanto, foi o ardente tradicionalismo de Despiou e Maillol que fez escola na Suécia durante a década de 1920. Sua influência é reconhecível no trabalho do sueco-parisiense Carl Frisendahl (1886-1948), o sueco de Copenhagen, Gerhard Henning (nasc. 1880), Eric Grate (nasc. 1896) e Nils Möllerberg (1892-1954). Grate foi um dos primeiros expoentes das experiências abstracionistas e surrealistas, e, durante a década de 1920, em Paris, uniu-se a Brancusi, Giacometti e Calder. Em breve, seu trabalho foi influenciado pela "saga" (contos de fada) nórdica e o misticismo da floresta, e o seu mundo foi habitado por criaturas estranhas, semelhantes, por exemplo, aos deuses troianos de Zadkine e ao povo-morcêgo de Chadwick.

A figura mais representativa do primitivismo da década de 1930, foi Bror Hjorth (nasc. 1894). Especialmente seus primeiros trabalhos têm uma força primitiva e a superfície tosca acentua a qualidade específica do material com que trabalha. Quando Hjorth criou um Cristo, foi uma imagem rude e vulgar, em contraste com a imagem idealista do Cristo de Thorvaldsen. Mas, provavelmente, Hjorth sente mais afinidade com Pan. Os seus inúmeros amantes devem ser considerados como descrições de um culto onde o amor carnal torna-se um ato religioso num povo natural e primitivo. Há aí uma estreita semelhança com o misticismo sexual de D. H. Lawrence e,

de fato, em 1935, Hjorth foi denunciado às autoridades por um comerciante que era defensor da doutrina nazista de purificação da arte. Dois outros trabalhos de interesse internacional são o torso cubista de Christian Berg (nasc. 1893) numa espécie de estilo severo de Archipenko, e as portas de bronze com motivos pré-históricos no Museu Nacional de História em Estocolmo por Bror Marklund (nasc. 1907). O movimento tenso e o pesado estilo barroco da estátua "Mãe e Filho" de Marklund, em frente ao Palácio do Governo em Estocolmo, são particularmente reminiscentes de Lipchitz. O mais produtivo dos escultores de monumentos é Stig Blomberg (nasc. 1901) o qual trabalha com realismo mordaz e estilizado.

Expressionismo patético

Em breve houve uma reação contra o estilo frio e tradicional da década de 1920. Duas artistas, Vera Nilsson (nasc. 1888) e Siri Derkert (nasc. 1888) criaram um estilo novo que possuía tanto paixão quanto impetuosidade. Seus trabalhos são dominados por pessoas oprimidas pelas ansiedades da época. As figuras são pintadas com um realismo simples, sem malícia ou encantamento. Logo, essas duas mulheres proclamaram sua simpatia pelos princípios do comunismo teórico e expressaram seu desejo de pintar para o povo. Os escapistas, os pintores da arte pela arte, eram anátema para elas.

A filha de Vera Nilsson, Catharina, que nasceu em 1922, tornou-se a figura central das pinturas de sua mãe e, na face e nos gestos da criança, ela refletia o estado da humanidade, sua incerteza e sua ansiedade. Suas paisagens de Öland eram igualmente dramáticas e perturbadoras: os céus como o de Toledo de El Greco e uma vegetação como a de Arles pintada por Van Gogh. A principal fonte de inspiração de Siri Derkert era também seus filhos e, como Vera Nilsson, seu desassossêgo não diminuiu com os anos. Está cheia de novos impulsos e nos últimos anos, criou trabalhos de renome internacional, inclusive colagens, e seus singulares relevos policromáticos e concretos.

O trabalho de Kalle Hedberg (1894-1959) também é marcado pelo seu profundo sentimento e seus inúmeros estudos de figuras demonstram um estado de espírito repleto de conflitos. As suas naturezas mortas e paisagens da Suécia setentrional são fortemente visionárias. Este aspecto do expressionismo sueco é algo parecido com o grupo alemão "Die Brücke" e com os trabalhos de Kokoschka e Soutine.

Romantismo em cores

"Um trabalho de arte não pode ser estudado" e "A cor é o óbvio ditador do desenho" são duas máximas de Carl Kylberg (1878-1952). Pode-se dizer que Kylberg, com seu espírito audacioso e radical, antecipou o simbolismo no início do século. O seu misticismismo colorido foi, em grande parte, baseado na insinuação. Embarcações, árvores e grupos de pessoas foram privados da sua palpabilidade e receberam um caráter puramente simbólico. Ao deixar os objetos sem definição, deixou lugar para idéias, criando ao mesmo tempo, um sentimento panteísta-religioso. Provavelmente, Kylberg é mais apreciado na Dinamarca. Durante muito tempo, alugou um estúdio no litoral da Zelândia e, por algum tempo, o pintor Ivan Ivarson (1900-1939), do grupo de Gotemburgo, ficou lá com ele. Ivarson declarou, certa vez, que "Pintura consiste principalmente em reproduzir poesia em cores se a cor não representa o papel principal, o resultado pode ser arte, mas nunca pintura. - Eu gostaria de viver de tinta." No seu estilo, Ivarson é intimamente relacionado a Soutine. Com o passar do tempo, sua escala de cores tornou-se cada vez mais explosiva com ultramarinhos, rubro-escarlata e verde esmeralda. Dois dos melhores artistas do grupo de Gotemburgo foram Inge Schiöler (nasc. 1908) e Åke Göransson (1902-1942), ambos os quais tornaram-se doentes mentais numa idade precoce. Ragnar Sandberg (nasc. 1902), um arguto logicista, pertenceu ao mesmo grupo. No princípio da década de 30, Sandberg declarou que a pintura precisava ser libertada das restrições de forma e que o artista deveria poder pintar com a mesma facilidade com

que um pássaro canta ou os chineses escrevem poesia. Mas apesar de sua atitude lírica, os trabalhos de Sandberg têm um constante fundo intelectual. Seus quadros, com motivos de Gotemburgo, têm uma certa qualidade burlesca, enquanto o requinte de cores é uma reminiscência de Bonnard e Borés.

Primitivismo

"O filho de um silvicultor de Uppland não pode ser outra coisa senão primitivo", disse Bror Hjorth de si mesmo. Hjorth não é somente um escultor, ele é também um pintor épico que trabalha em amarelo, azul e vermelho, as três cores vitais na arte rústica. Seu colega Sven Erixson (nasc. 1899), o qual assina seus trabalhos "X-et" (o "X") é talvez, atualmente, o pintor mais popular na Suécia. Erixson herdou muito dos naivistas, mas não tem suas dimensões literárias. Ele é mais espontâneo, mais preso à terra, mais pitoresco. O grupo de primitivistas se desenvolveu nas vizinhanças de Estocolmo. Tinham uma mensagem social a passar a frente, sua crença era realista no verdadeiro sentido da palavra, mas, mesmo assim, seu mundo era habitado por pessoas felizes e simples. Tudo isto estava em oposição à escola de Gotemburgo com sua predileção pelas paisagens líricas, eternas e desertas. Erixson encontrou seus primeiros temas perto e no próprio lugar onde nasceu: Tumba, uma pequena comunidade ao sul de Estocolmo. Mais tarde, pintou a Espanha, França e Itália, com a mesma vitalidade harmoniosa e sem qualquer inibição. Ele é também um dos mais ativos pintores de cenários da Suécia, assim como monumentalista.

Há muita graça e leveza nos trabalhos de Erixson. Albin Amelin (nasc. 1902), por outro lado, foi um agitador social mais consciencioso nos seus quadros e pintou intencionalmente a parada de 1^o de maio com estandartes vermelhos, tochas ardentes e retratos dos Stachanovitas. Mas também produziu cenas selvagens e primitivas, amor ao nível animal, o homem ciumento apunhalando sua mulher ou lutadores de box esmurrando-se no ringue. Estas últimas cenas de violência são pintadas com feroz intensidade nas pinceladas e com camada após camada de tinta.

Surrealismo

Erik Olson (nasc. 1901), ficou vivamente impressionado com o que viu na primeira exposição de Salvador Dali em 1929 em Paris e, nos anos seguintes, pintou o primeiro quadro sueco surrealista: "O Desafio". Os seis membros do Grupo da cidade Halmstad logo tornaram-se líderes da "fase racional" do surrealismo tendo Dali, Tanguy e Magritte como modelos. Junto com os dinamarquês Bjerke Petersen e Freddie, representaram a Escandinávia nas maiores exposições surrealistas em Londres, Paris e Copenhague durante a década de 1930.

Erik Olson tornou-se o principal pintor sueco surrealista. Ao mesmo tempo, porém, como discípulo de Léger, conservou sua sensibilidade à precisão mecânica, mesmo lidando com motivos sobrenaturais. Numa série de quadros ele improvisa, com formas inorgânicas, partes de máquinas e fósseis que recebem uma certa vitalidade. Dá alma aos objetos inanimados e assim consegue o inesperado: o surrealístico. Em outros trabalhos, ele une formas orgânicas, partes da anatomia humana e partes animais em modelos surpreendentes. O quadro "Dia através da noite" contém um curioso espírito transitório por meio da combinação de proximidade e distância.

A busca inquieta é diametralmente oposta à paz clássica de Sven Jonson (nasc. 1902). Nas suas paisagens estereis que parecem planetárias, Jonson reflete a eternidade do espaço por meio de ruínas, portais e estátuas sem cabeça.

Dos seis membros do Grupo de Halmstad, Stellan Mörner (nasc. 1896) tem o temperamento mais fácil. Seus trabalhos conservam o espírito de uma infância passada num ambiente aristocrático de um solar campestre; figuras ancestrais tenebrosas em salas mal iluminadas e jovens irreais em paisagens de parques.

Em 1947, André Breton reuniu seus seguidores para uma grande exposição surrealista em Paris mas o grupo de Halmstad não foi representado. Como Dali, eles eram naquele tempo renegados, banidos da sociedade.

O círculo Saltsjö-Duvnäs

Durante a segunda guerra mundial, um círculo de artistas foi formado em Saltsjö-Duvnäs, nos arredores de Estocolmo, onde eles pintaram num espírito de afinidade, embora nunca chegassem a expor juntos. O mais inconstante desse grupo foi Evert Lundquist (nasc. 1904) e pode-se dizer que o público internacional encontra nêle uma afinidade com Kylberg. Ambos buscaram a mesma visão densa. Mas, mesmo assim, o estilo livre e vigoroso de Lundquist possui certas qualidades que o ligam com o Expressionismo Abstrato e que o mantêm atualizado. Nas suas telas grandes, objetos isolados aparecem frequentemente: por exemplo, uma pá ou uma cadeira que têm o caráter de símbolos místicos. Através de suas formas extremamente sucintas, Lundquist estabeleceu uma técnica de acôrdo com as grandes tradições históricas e as nuances das suas espessas côres incandescentes em óleo têm uma certa riqueza Rembrandtiana.

Uma forte expressão tradicional também pode ser encontrada nos trabalhos dos outros membros dêste grupo.

Staffan Hallström (nasc. 1914), que também revela um certo misticismo visionário, se interessou pelos trabalhos de Delacroix e Hill desde o começo da sua doença mental. Nos seus quadros vigorosos, semelhantes a cartazes, Roland Kempe (nasc. 1907) reflete o espírito dos mestres espanhóis de Goya a Picasso, enquanto Olle Nyman (nasc. 1909), que tem mais predisposição ao classicismo, inclina-se ao início da renascença italiana.

Um outro artista interessante nêsse estilo é Felix Hatz (nasc. 1904), um amigo de Edvard Munch. Hatz abandonou seu estilo figurativo por uma técnica mais informal, embora conservando a técnica da forma. Ao mesmo tempo desenvolveu-se em Gotemburgo um estilo de pintura, estreitamente semelhante ao desenvolvido pela escola de Saltsjö-Duvnäs, cujo principal pintor foi Alf Lindberg (nasc. 1905). São quadros reservados, melancólicos e inquietos - paisagens e cidades sem gente, gente sem faces.

"Os concretistas"

A exposição "Arte Nova" em Estocolmo na primavera de 1947, representou uma das revoluções mais notáveis na história da arte sueca. Os contribuintes mais significativos foram Lennart Rodhe (nasc. 1916), Lage Lindell (nasc. 1920), Pierre Olofsson (nasc. 1921), Olle Bonniér (nasc. 1925) e Karl Axel Pehrson (nasc. 1921). Logo se criou o mito de que êsses pintores eram frios e intelectuais e, além disso, é perfeitamente verdade que, por volta de 1950, eles estavam procurando uma expressão lógica, clara e construtiva. Seria, porém, mais correto descrevê-los como visionários, líricos e argutos. Em 1947, Paul Klee era o ídolo dos círculos de arte em Estocolmo, Jean Bazaine era estudado nas galerias de arte da cidade, e as teorias de Max Bill estavam sendo analisadas. O conceito de "espaço ilusório" foi introduzido com o propósito de analisar a arte de Lennart Rodhe. As suas telas coloridas e faiscantes revelam complicada combinação de efeitos de superfície e de profundidade. Antes de se dedicar completamente aos trabalhos abstratos, êle usou muitas vezes o tema de figuras e arquitetura de vidro. "Serraria" e "Estufa" representam ambos o ponto de partida natural para êsse tipo de descrição do espaço. Os primeiros trabalhos de Lage Lindell possuem um aspecto de caricaturas argutas e absurdas. Mais tarde, porém, êle adotou o estilo abstrato influenciado por Léger e Matisse, onde os elementos racionais e irracionais criam uma tensão sugestiva. No princípio, Pierre Olofsson foi fortemente influenciado por Klee, mas em breve seguiu o estilo abstrato. Produziu uma série de variações sôbre temas diferentes, inclusive um círculo giratório que era, supostamente, para ilustrar a ação do movimento perpétuo. O estilo abstrato de Karl Axel Pehrson é fortemente inspirado por um espírito lírico. Êle é um entomologista competente e na sua grande coleção de besouros procurava soluções para seus problemas de côr e forma através do microscópio. Olle Bonniér é o mais especulativo do grupo e experimentou largamente os compos do material e da técnica. Êle abandonou seu estilo geométrico em favor da pintura informal com pinceladas

largas e brilhantes. Os cinco maiores representantes dos artistas de 1947, têm contribuído consideravelmente para a nova arte monumental na Suécia. Com seus detalhes refinados e ideais sutis, eles foram desde o princípio bem afastados de Olle Baertling (nasc. 1911), o líder dos suecos na arte abstrata pesada e unívoca, que tem seu quartel general na galeria Denise René em Paris. Baertling e os dinamarqueses Mortensen e Robert Jacobsen formam entre si o trio escandinavo desse estilo. Durante muito tempo, cores escuras criaram um fundo sugestivo nos trabalhos geométricos simplificados de Baertling. Desde 1953, ele tem-se fascinado pelo tema do triângulo que, desde então, tem seguido com a mesma sinceridade que Mondrian e seus quadrados durante a década de 1920.

Escultura depois de 1945

Logo após o fim da segunda guerra mundial, surgiu uma nova geração de escultores na Suécia, liderada por Arne Jones (nasc. 1914). A "Catedral" de Jones é um trabalho típico do estilo variado da década de 1940. Tem a aparência de uma construção gótica de varetas mas pode também ser interpretada como um par de bailarinos e dá a sensação de que a visão ficou suspensa numa incerteza equilibrada.

Desde esse trabalho, Jones tem se tornado mais abstrato apesar de não ser, de modo algum, nada dogmático, antes um lírico e um inconformado. Seu desejo é que seu trabalho preencha uma função social e a maior parte do que ele cria destina-se a um lugar público.

O trabalho de Palle Pernevi (nasc. 1917) está intimamente ligado à nova escultura anglo-saxônica, imaginativa e sugestiva, enquanto Martin Holmgren (nasc. 1921) usa um estilo sugestivo e figurativo, e suas figuras de bronze têm a aparência de metade criatura viva e metade matéria inanimada. Asmund Arle (nasc. 1918) procura renovar a plasticidade figurativa e trabalha com um realismo expressionista, ligeiramente mordaz. Per Olof Ultvedt (nasc. 1927) é evidentemente construtivo e gosta de trabalhar com peças abandonadas. Suas esculturas são muitas vezes

animadas e às vezes lembram o trabalho do seu amigo Jean Tinguely. Elis Eriksson (nasc. 1906) é também um escultor didadidamente pictórico que faz seus relevos com pedaços de tábuas pintadas ou em papelão com a forma de andares, cheios de fragmentos de conversas e de informações diversas. Eric-h. Olson (nasc. 1909) usa vidro refratário à luz para que a própria natureza possa criar a composição em cores como uma espécie de contraparte à música eletrônica. Entre os jovens escultores, as obras de Berto Marklund revelam forte sensualismo. À semelhança dos primitivos feitiços, os próprios trabalhos de madeira recebem uma identidade mais definida, sem, contudo, constituir uma cópia ou ser um enigma.

Novas tendências

Entre as mais recentes doutrinas de arte que venceram na Suécia, estão o Neo-Surrealismo "pintando com traços mágicos", que é essencialmente parisiense, e o Expressionismo Abstrato. Em 1946, um grupo chamado "Os Imaginistas" foi formado na cidade universitária de Lund, no sul da Suécia. Seu representante supremo foi Max Walter Svanberg (nasc. 1912), que cado atraiu a atenção de André Breton. Aos 22 anos de idade, Svanberg foi vítima de poliomielite e suas fantasias sutis, num estilo persa, têm o caráter de estranhos devaneios eróticos. Entre outras coisas, ele fez as ilustrações para "Iluminações" de Rimbaud, e sua contribuição para o manifesto surrealista de Daniel Cordier, de 1959, recebeu a forma de um poema em prosa: Obsédé par la femme (Obscado pela mulher).

Dos outros membros desse grupo de Lund, C. O. Hultén (nasc. 1916) conseguiu, gradativamente, uma forma de Expressionismo Abstrato livre, enquanto que Anders Osterlin (nasc. 1926) permaneceu fiel ao estilo "Imaginista" e trabalha com uma espécie de ornamentação mística. O pintor Endre Nemes (nasc. 1909, escola de Praga) estabeleceu um estilo próprio como professor na Escola Valand de Arte em Gotemburgo. Nos seus vigorosos trabalhos de virtuose, microcosmos, germes ameaçadores e a vida vegetal, são aumentados de modo gigantesco. Entre seus primeiros discípulos, Erland Brand (nasc. 1922) têm desenvolvido uma forma lírica de Expressionismo Abstrato, retrato e paisagens cósmicas.

Um outro pintor de traços mágicos, com relações internacionais, é Öyvind Fahlström (nasc. 1928) agora residente em Nova York. Na sua arte, a forma é subordinada ao absurdo estilo literário e o principal aspecto dos seus trabalhos é a descrição da sequência dos acontecimentos.

Por volta de 1950, em protesto ao estilo abstrato, Torsten Renvqvist (nasc. 1924) introduziu o Neo-Expressionismo. Seu estilo foi influenciado pelos pintores ingleses Nash e Sutherland e era uma forma de expressionismo simbólico com grande concentração de detalhes.

Rune Jansson (nasc. 1918) adotou bem cedo o Expressionismo Abstrato e desde então seu trabalho tem, gradativamente, se tornando mais leve e mais brilhante.

Depois da nomeação de Torsten Andersson (nasc. 1926) para professor da Academia de Arte em Estocolmo, o Expressionismo Abstrato recebeu reconhecimento oficial. Sua arte possui tanto potencialidade como uma vigorosa beleza material.

Bengt Lindström (nasc. 1925), residente em Paris desde 1947, e Wiking Svensson (nasc. 1915), também com fortes contatos com Paris, procuram na sua pintura ulterior uma nova figuração com vínculos à mitologia nórdica. O colorido de Wiking Svensson é concentrado escuro enquanto Lindström, com sua violenta "linguagem" a côres, se situa mais perto do grupo COBRA.

Através do seu estilo pouco convencional, em que ele varia seus motivos numa série de quadros, Carl Fredrik Reuterswärd (nasc. 1934), beira os filmes de desenho animado. Nos seus trabalhos, desenvolve uma ligeira e apaixonada ironia pela sociedade a que ele pertence - uma sociedade subjugada por preconceitos.

1965

* Rolf Söderberg é bibliotecário na Biblioteca da Academia Sueca de Belas Artes e na Biblioteca Real de Estocolmo. Entre os seus livros publicados, encontra-se um ensaio sobre a Arte Moderna Sueca.

SUÉCIA

A Suécia fica situada na parte oriental da península escandinava e ocupa em grandeza o quarto lugar entre os países da Europa - a sua superfície é algo menor que a Espanha continental ou um pouco menor que cinco vezes a área de Portugal continental.

A extensão da Suécia no sentido norte-sul atinge 1.600 km de comprimento e oferece uma paisagem muito variada. As suaves ondulações das férteis planícies do sul contrastam com as livres e vírgens extensões montanhosas, as glaciais e as quase árticas vegetações do extremo norte. A serra mais alta é a Kebnekajse, 2.123 metros acima do nível do mar. Entre elas existem grandes florestas, cortadas por numerosos lagos e rios. A corrente do Golfo que passa junto da costa ocidental da península escandinava proporciona um clima suave para a latitude. Na Suécia existe o sol da meia noite, mas só na reduzida zona acima do círculo polar, onde o sol brilha consecutivamente dia e noite durante dois meses do verão.

A Suécia tem 7,6 milhões de habitantes, ou seja uma média de 18 pessoas por quilómetro quadrado. A capital, Estocolmo, tem com seus arredores e localidades vizinhas 1,1 milhão de habitantes. A Suécia é uma monarquia democrática e parlamentar. Desde 1946 faz parte das N.U. e além disso entre outras organizações e membro da OECD e GATT. Na década de 1950 foi fundado o Conselho Nórdico cujos membros são actualmente a Suécia, Dinamarca, Noruega, Islândia e Finlândia, e em 1960 foi assinado o tratado da EFTA em Estocolmo. O idioma é o sueco que tem tanto de comum com o norueguês e dinamarquês que permite aos noruegueses, dinamarqueses e suecos compreenderem-se entre si mesmo quando cada um fala a sua própria língua. A unidade monetária é a coroa - 5,6 vezes um escudo e 5 vezes menor que o dólar americano.

